



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Possibilidades multimídia na Internet¹

Carlos Pernisa Júnior

Professor Adjunto do Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da
Universidade Federal de Juiz de Fora

Doutor em Comunicação e Cultura pelo convênio ECO/UFRJ - FACOM/UFJF

Resumo:

O trabalho tenta mostrar a possibilidade de entender a Internet sob um outro ponto de vista, que não o dito comercial ou econômico. Há uma busca por um caminho que é indicado pela própria estrutura da rede, contrariando a visão cada vez mais vigente dos portais. Pode-se dizer que este caminho indica uma idéia mais profunda, a busca por uma poética do ciberespaço, que vai orientar uma estrutura multimídia para a Internet. Multimídia que, neste caso, indica uma união de meios em espaços diferentes e não em um mesmo espaço.

¹ Trabalho apresentado no NP08 – Núcleo de Pesquisa Tecnologias da Informação e da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



O que é, realmente, a Internet? Esta pergunta não pode ser respondida com segurança, pois há respostas variadas para a questão. Cada resposta seria sempre parcial, e a idéia de realidade não seria atingida, já que não existe uma única possibilidade. Há, porém, algumas considerações a serem feitas.

Em primeiro lugar, a Internet é entendida de uma maneira parcial ou, ainda, de um modo apenas, por aqueles que vêem a rede mundial de computadores por meio de uma ótica, que poderia ser chamada aqui de comercial, e só a entendem como algo que lembra o anúncio publicitário. Este grupo interessa-se por algo que, no início da história da Internet, vários usuários da rede não queriam que ocorresse - que ela funcionasse só como uma vitrine de negócios.

Alguns outros usuários acham que a rede mundial de computadores é um meio que inclui todos os outros, não havendo, a partir daí, necessidade de existência destes outros meios, que seriam incorporados a ela. O decreto da Internet como meio único vira bandeira, e os defensores disso acabam convencendo-se de que tudo acontece na rede.

Pode haver uma aliança entre os negociantes da rede e aqueles que a defendem como meio único. Neste caso específico, há que se pensar nos portais. Sobre eles, existe uma constatação inicial clara: um portal é uma forma de aparecimento da Internet, mas não é, em absoluto, a sua forma ideal dela. Os portais seriam um mascaramento, um modo parcial de entender a rede. No entanto, hoje, não há que negá-los, mas fazer com que sejam aquilo que são, parte de um todo e não o todo.

Os negociantes da rede e os defensores do meio único acabam por fazer de portais não portas, passagens, mas exatamente o contrário, fechamentos, redomas sem saída. Labirintos para achar algo que sempre se perde. E o que se perde nestes portais? Perde-se exatamente a rede. Nos portais, as teias são tecidas para aprisionar o visitante, presa fácil de se pegar. A grande teia, porém, não quer aprisionar ninguém, pelo contrário. O que se pretende ali é liberar pensamento, ação e imaginação do usuário, que navega por mares de informação.

Vê-se que os portais são parte da Internet, assim como os sites de comércio e os de órgãos de informação. O problema, porém, é a sua posição na rede. Fazer parte indica exatamente que eles não são, cada um em separado, a totalidade da rede, que é o que muitos



deles parecem pretender ser. Um portal é sempre um espaço pequeno dentro da rede em expansão. No entanto, querendo ser a rede como um todo, o portal acaba por negar a rede, negar ao seu visitante - passageiro, é sempre bom lembrar - o direito de seguir caminho. O portal, na lógica do mercado e, por vezes também, na tentativa do meio único, procura segurar ao máximo aquele que navega em suas águas de informação. É como um redemoinho que suga a embarcação num mar revolto. A idéia é que mais acessos, com mais tempo de permanência, num portal, determinariam uma maior audiência e, assim, dariam a eventuais patrocinadores elementos para que investissem neste portal. A questão passa a ser muito mais comercial do que de qualquer outro tipo.

A Internet, por sua vez, não é uma rede de negócios, exclusivamente. Esta lógica comercial só faz com que se perca de vista as suas várias faces dela. Se os puristas do início da grande rede preocupavam-se tanto com esta questão, eles não deixavam de ter alguma razão em querer o comércio longe da Internet. A invasão comercial, contudo, se determinou grandes mudanças econômicas no interior da rede, também trouxe alguns avanços. O problema é o uso da rede como um grande shopping center, e só. A versão da Internet que contém com recursos de som e imagem, além do texto, a World Wide Web (WWW), só aconteceu com um apelo ao lado comercial, que, de certa forma, acabou auxiliando seu financiamento e sua existência.

Isso não determina, todavia, que a Web seja só comercial, que a Internet seja só a Web e que a única prática possível aí seja o comércio ou atividades diretamente vinculadas a ele, como a publicidade. Esta visão que foge da questão puramente econômica faz com que a pergunta inicial volta a ser formulada aqui: O que é, realmente, a Internet? Ou ainda: O que é a Internet além das fronteiras publicitárias e comerciais? De certa forma, aqui há uma volta às origens da grande rede, quando a atividade econômica não tinha praticamente espaço em seu interior dela.

Buscar uma Internet fora das relações comerciais das mais variadas espécies é voltar-se para a troca de informações, mensagens, idéias e não produtos e serviços. Esta troca deu origem à rede mundial de computadores, mas aparece num plano pouco claro hoje. Se existem vários tipos de mecanismos para a troca de mensagens entre as pessoas - onde há uma certa



substituição do telefone e da carta -, pouco se vê de inovação nas discussões em grupos, que também funcionam na Internet, mas quase não aparecem para seus usuários dela. Há quem diga, como Pierre Lévy¹, que estes grupos seriam muito mais interessantes se utilizados com frequência na rede mundial e não fossem mais uma ferramenta de uso mais restrito a grandes empresas ou a redes disponibilizadas por serviços comerciais. Sabe-se, porém, que o grupo de discussão ainda precisa de uma maior atenção dentro do espaço da própria Internet, tanto é que se fala em opções à grande rede de computadores para instituições de pesquisa - como o caso de uma Internet II, ligada mais à rede universitária do Brasil, por exemplo.

Além da troca de informações, há a busca por elas. Neste espaço, os portais agem também como labirintos que engolem o usuário. Quando há espaço para uma busca em sites especializados, muitas vezes esta se torna cansativa e, por vezes, infrutífera, dada a dificuldade de se trabalhar com palavras-chave que podem não ser tão facilmente localizadas. Há uma esperança em buscadores mais eficientes num futuro próximo, mas isso ainda depende de pesquisa².

Por fim, a própria navegação na Internet fica negligenciada. Evitando colocar aqui somente o problema da conexão - com dificuldades de vias e de bandas mais largas, que realmente são um sério problema, principalmente no caso do Brasil -, é preciso atentar para a própria construção de sites e portais, por vezes complicando a passagem do usuário, outras simplesmente prendendo-o dentro de seus domínios e, muito poucas, estimulando-o a ir em frente, a ir por outros locais, para fora de fronteiras invisíveis, mas muito presentes em boa parte dos casos.

Como navegar sem links? Como navegar só com barras de rolagem de textos, por vezes curtos demais, por vezes imensos? Como se livrar de sons e imagens indesejáveis? Estas perguntas podem estar sendo feitas por usuários comuns da Web em todo o mundo, ao lado de outras mais, que mostram a dificuldade estrutural da grande rede de computadores no momento em que as passagens tornam-se prisões. Os portais e as tentativas de sites

¹ LÉVY, P. 1999. p. 100.

² TEIXEIRA, G. 2001. p.3.



semelhantes a eles em estrutura só comprovam que a Internet vai perdendo sua razão de ser para quem quer expandir-se, sair de suas fronteiras, aventurar-se.

A contrapartida a isso deve ser então colocada logo em prática. E qual seria ela? Aqui, a idéia é apenas esboçar caminhos, já que não há uma estratégia pronta para responder a esta demanda. Pode-se começar lembrando que há, na Internet, a estrutura da rede. Pensa-se, então, num comportamento que privilegie esta rede: uma poética do ciberespaço, uma poética cibercultural³.

Esta poética do ciberespaço visa exatamente mostrar formas de entender e construir a Internet fora de uma lógica estritamente econômica. A proposta é ter, na rede mundial de computadores, efetivamente uma noção e uma estrutura de rede. Para isso, a noção de multimídia proposta por Pierre Lévy é relevante. Lévy⁴ discorre sobre o uso do termo multimídia, explicando que, hoje, na Internet, seria mais correto falar em unimídia - vários meios concentrados em um único espaço -, deixando a idéia de multimídia para casos diferenciados. E quais seriam estes casos? Seriam exatamente aqueles em que vários meios estariam se relacionando, uns com os outros, em espaços diversos. Um exemplo é o de um livro que remete a uma música e a um filme, fazendo com que haja uma interação entre todos eles.

E na Internet? A rede mundial de computadores é considerada um espaço único ou, por vezes, tomada como um meio específico. Não vale a pena definir se ela é um espaço ou se seria apenas mais um meio. É mais interessante tentar entender que, espaço ou meio, ela pode ser vista como algo que se relaciona com outros espaços e meios. Nesta relação, ela se abre a novas possibilidades. Um site da Internet pode ter links para outros sites - deixando a estrutura fechada do portal - e também remeter a jornais, revistas, rádios, livros, filmes, discos e outros tantos meios. Lévy defende esta como a verdadeira forma multimídia na Internet, onde a própria idéia de rede se estende para além do espaço criado na ligação com a máquina - o

³ “Com el nombre de poética se indica a menudo hoy en día el conjunto de las reflexiones que un artista hace acerca de su propia actividad o acerca del arte en general (...)”. ABBAGNANO, N. p.453. Esta poética visa a construção mesma do e no ciberespaço.

⁴ LÉVY, P. 1999. p.61-66.



computador -, buscando um intercâmbio com aquilo que é de outra ordem e não somente com o que é digital.

A relação proposta instaura a perspectiva de rede para além da própria Internet. Isso pode ser alcançado, na prática, em um processo de duas fases. Primeiramente, dentro da grande rede de computadores, com a utilização maior de links e o estímulo à pesquisa em diferentes sites de busca, que favorecem a navegação livre. Além disso, o resgate dos grupos de discussão e a divulgação ainda mais enfática dos meios de troca de informações, mensagens e idéias podem indicar caminhos alternativos aos usuários que já se habituaram a uma lógica fechada dos portais. Estas posturas resultariam também numa boa motivação para que a rede fora da Internet fosse adotada, constituindo-se na segunda etapa do projeto.

A primeira fase, com o trabalho dentro da própria Internet, determina uma visão que foge da padronização dos portais e busca a própria rede como referência. Rede que não aprisiona, que não é armadilha, mas um conjunto de vias, com os nós - que são os próprios sites - remetendo-se uns aos outros. As passagens, as interfaces, as conexões são o que mais interessa: daí a importância dos links - ligações - entre assuntos e sites. Os chamados buscadores também auxiliam esta postura.

Além disso, a navegação dentro dos sites também deve ser observada. Há que se atentar para a viabilidade de links dentro de sites e entre eles. A indicação clara destes links e a possibilidade de se saber para onde se está indo é importante. Assim também devem ser as barras de navegação. Outro ponto a ser destacado são as barras de rolagem de texto. Elas devem ser usadas com critério, já que os textos muito longos, sem justificativa para isso, ou o espaço muito poluído e pouco dividido, fracionado, deixam o usuário, por vezes, perdido. O ideal é tentar dividir assuntos em partes e evitar as páginas - termo que não retrata muito bem a realidade, mas ainda muito usado em computação gráfica - cheias demais, que tornam a visão do usuário embaraçada. Páginas cheias também podem determinar longas barras de rolagem, que em nada facilitam a sua visualização. A ligação entre as páginas deve ser bem feita, com a preocupação de que haja correspondência entre elas e o fácil entendimento por parte do usuário. O uso de cores também deve ser criterioso, com um bom contraste e permitindo uma boa legibilidade no caso de textos coloridos. Imagens estáticas, como os



ícones, por exemplo, devem ser bem visíveis e leves. O uso de sons e imagens em movimento tem que ser também criterioso, pois não há garantias do que vá dar certo quanto a estes mecanismos específicos, já que sua visualização e audição ainda são muito complicadas nas atuais bandas de transmissão do Brasil. Enfim, a facilidade para o usuário é que deve determinar a construção de um site, já que não há como navegar num espaço sem uma boa estrutura de orientação e disposição do material a ser consultado.

É possível ampliar muito esta lista com mais detalhes, descendo até características muito específicas de casos particulares de cada página que possa vir a ser criada, o que não é o intuito deste trabalho. Necessário, contudo, ressaltar a idéia já citada da rede, das conexões que fazem com que o usuário saia das armadilhas dos portais por meio de links que o levem além deles, para novos espaços na grande rede mundial de computadores.

Esta idéia da saída contribui, então, para que o usuário sinta-se à vontade quando a estrutura proposta é multimídia, na acepção que Lévy faz do termo, isto é, quando há uma intenção de levar o usuário a enxergar além da Internet ou da Web, relacionando meios que aparecem fora delas. Neste caso, o que acontece fora do ambiente digital do computador merece destaque e está presente ali de forma a fazer com que o usuário faça a troca da Internet pelo rádio, pelo jornal, pela televisão ou por algum outro meio que apresente também algo relacionado ao tema em questão.

Assim, sites que remetem a outros sites e a um livro sobre um determinado assunto são mais interessantes - dentro da lógica aqui proposta - do que aqueles que se arvoram de dizer que tudo ou o mais importante sobre o referido tema pode ser encontrado ali mesmo, dentro do seu próprio espaço. Um filme pode ter um site, que contenha comentários sobre ele e ligações com outros filmes e sites do mesmo gênero. Um jornal pode ter sua versão na rede mundial de computadores, mas deveria fazer com que suas matérias indicassem outras publicações, na Internet ou fora dela, como fontes alternativas de informações, complementando os assuntos abordados, reforçando ou contrapondo pontos de vista. Um disco pode ter faixas tocando em um site, espaço para opiniões de eventuais ouvintes, mas também referências ao trabalho dos artistas envolvidos, indicações de outras músicas disponíveis em CD, além de poder conter ali também clipes e relação de sites importantes



referentes àquele trabalho na Internet. Grupos de discussão podem trabalhar com a própria idéia de rede e multimídia, gerando novas formas de relacionar a Internet com os outros meios.

A multimídia, vista desta forma, é uma possibilidade de pensar a rede. Por outro lado, há várias maneiras de entender como a Internet serve à multimídia. A idéia não é descrever cada uma delas e sim verificar que existem várias possibilidades de relação entre a rede mundial de computadores e os outros meios. Esta seria a concepção geral de uma poética do ciberespaço aqui proposta. Cada indicação de um programa de rádio ou de televisão, de um livro ou de um filme, cada conexão com uma forma de arte, cada correlação com um evento cultural pode ser um modo de observar a rede multimídia que vai se formando a partir daí. Rede que vai além da grande rede mundial de computadores; que indica novas possibilidades para a própria Internet e para a Web; que coloca a idéia da multimídia como relação, com o que busca o que está fora, com o exterior.

Hoje importaria mais esta idéia e a colocação dela em prática. Como? Não existiria uma fórmula, até porque, como foi aqui posto, há possibilidades nesta visão multimídia, de maneira que a experimentação é um caminho para poder entendê-las. O uso de fórmulas faz com que o espaço de experiências e o leque das possibilidades sejam reduzidos e, muitas vezes, vinculados ao caminho único. É isto que a aqui chamada poética do ciberespaço exatamente procura evitar. Assim, a existência de possibilidades, no plural, já é, por si só, uma maneira de indicar que esta poética do ciberespaço está aí presente.

Desta forma, nasce uma nova estrutura de linguagens, onde falar de rede e de espaços múltiplos adquire outros sentidos. Pode-se pensar mesmo que, sendo assim, a Web - e a Internet como um todo - e a própria noção de rede já não serão as mesmas. Nasce a possibilidade de novas formas de expressão. Está aberto o caminho para novas linguagens no mundo digital e para a própria poética do ciberespaço.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Referências bibliográficas:

ABBAGNANO, Nicola. *Diccionario de filosofia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. 1206p.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999. 264p.

_____. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. 203p.

_____. *O que é o virtual?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. 160p.

TEIXEIRA, Gilson. *Num breve futuro, a web pensará*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 dez. 2001. Internet. p.3.